

## EMPREGO

Senado contrata as primeiras mulheres trans para ocupação de vagas temporárias, como parte de uma política inclusiva desenvolvida pela instituição

# NA CONTRAMÃO DA TRANSFOBIA

» JÚLIA GIUSTI\*  
» EDUARDO VANUNCIO\*

**P**essoas transgênero são aquelas que não se identificam com o sexo biológico. Essas pessoas, muitas vezes, sofrem preconceitos e discriminação ao assumirem sua identidade de gênero, sendo o Brasil, pelo 15º ano seguido, o país que mais mata pessoas trans, com 145 assassinatos em 2023, segundo dados da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra). No mercado de trabalho, a violência contra essas pessoas se manifesta por meio de barreiras no acesso a empregos formais e na permanência nas empresas, atingindo, principalmente, as mulheres trans.

De acordo com Bruna Benevides, presidente da Antra, a intolerância por parte de colaboradores e clientes e a falta de uma cultura de inclusão nas organizações, aliadas à associação das pessoas trans com a violência, dificultam a participação delas no mercado.

“As empresas têm dificuldade de contratar e garantir a permanência de pessoas trans por conta da transfobia. A maioria dessas empresas não têm um plano de diversidade, optando pela exclusão e demissão dessas pessoas. Além disso, existe um contexto de extrema violência e disseminação de narrativas falsas que colocam pessoas trans como violentas e perigosas, o que causa reflexos no mercado de trabalho formal para elas, que são privadas de direitos”, pontua.

Fotos: Minervino Júnior/CB/D.A.Press



**Scarlety Pereira, 30 anos, quer ser exemplo para outras trans**

Uma pesquisa de 2022 do Grupo pela Vidua, organização não governamental que promove a integração de pessoas convivendo com HIV, feita com homens e mulheres trans, apontou que apenas 15% dos 147 participantes trabalhavam com carteira assinada, enquanto cerca de 27% desempenhavam trabalho autônomo informal. De acordo com a

Antra, 60% dos profissionais trans deixam os postos nos primeiros seis meses após a contratação.

### Desigualdade

Para as mulheres trans e travestis, o mercado de trabalho se mostra mais hostil, com somente 13,9% delas ocupando empregos formais, segundo dados de



**“É preciso garantir acessibilidade”, pede Andy Amazonas, 34**

2020 da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp). Entre elas, as negras são as principais afetadas. Em comparação com homens trans, o índice é de 59,4%, evidenciando desigualdade de gênero nesse campo.

“As travestis e mulheres trans têm sido sistematicamente assassinadas e têm maior dificuldade de se manter

no ambiente educacional, porque as pessoas não respeitam a identidade de gênero delas. As interseccionalidades, como classe, raça e a localização geográfica, ainda colocam essa população em maior vulnerabilidade, sendo que as negras têm sido as que menos acessam políticas públicas”, afirma Bruna Benevides.